



8º Encontro Internacional de Política Social 15º Encontro Nacional de Política Social

Tema: Questão social, violência e segurança pública:
desafios e perspectivas

Vitória (ES, Brasil), 16 a 19 de novembro de 2020

Mesa Coordenada A arte como expressão de resistência diante da crise estrutural do capital.

A arte na perspectiva Marxista: resistências e conformismos em tempos de barbárie

Giovane Antonio Scherer¹

Resumo: O presente artigo analisa as possibilidades da arte, na perspectiva da tradição marxista, para o enfrentamento a um contexto onde aceleram-se processos convergentes à racionalidade neoliberal e neoconservadora na realidade brasileira. Analisa o contexto contemporâneo, onde a tríade neoliberalismo, neoconservadorismo e neofascismo acarreta na ampliação dos processos de fetichização do real, ampliando a necessidade de elementos que possam potencializar a reflexão crítica. A partir disso, demonstra as possibilidades e limites contidos na arte, no âmbito da sociedade do capital, na perspectiva do desocultamento do real e potencialização de processos sociais emancipatórios. Aponta-se a necessidade de ampliar a análise da arte, na perspectiva marxista, como contrapondo a racionalidade burguesa.

Palavras-chave: Arte; Neoliberalismo; Neoconservadorismo; Resistência.

The Art in Marxist Perspective: Resistances and Conformities in Times of Barbarism

Abstract: This article analyzes the possibilities of art, in the perspective of the Marxist tradition, to face a context where processes converging to neoliberal and neoconservative rationality in Brazilian reality are accelerating. It analyzes the contemporary context, where the triad neoliberalism, neoconservatism and neofascism leads to the expansion of the fetishization processes of the real, expanding the need for elements that can enhance critical reflection. From this, it demonstrates the possibilities and limits contained in art, within the scope of the capital society, in the perspective of the unveiling of the real and potentialization of emancipatory social processes. The need to expand the analysis of art from a Marxist perspective is pointed out, as opposing bourgeois rationality

Keywords: Art; Neoliberalism; Neoconservatism; Resistance.

1 Introdução

“E a culpa não era minha, nem onde estava, nem onde vestia...Estuprador és tu!”. Esse é um verso de uma canção embalou diversas manifestações nas ruas de todo o mundo. Iniciada no Chile, em meio a uma onda de protestos, a canção denunciava o patriarcado, as relações de exploração de gênero, a repressão do Estado

¹Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS. Professor do departamento de Serviço Social, do Instituto de Psicologia Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na graduação em Serviço Social e no Programa de Pós-graduação em Política Social e Serviço Social da UFRGS. Coordenador do Grupo de Estudos em Juventudes e Políticas Públicas GEJUP/UFRGS. Bolsista Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: giovane.scherer@ufrgs.br ou giovaneantonioscherer@gmail.com.

e a violência contra a mulher. Por meio da música e de uma coreografia, mulheres de todo mundo vocalizavam o contexto de violações de direitos.

Esse é apenas um exemplo de como a arte pode se articular com lutas em uma perspectiva que possam convergir para a garantia de direitos. Em um contexto de crescimento do neoconservadorismo e neofascismo, que são funcionais a racionalidade neoliberal, que sustenta o modo de produção capitalista em seu atual estágio, mostra-se fundamental construirmos instrumentos de questionamento ao complexo contraditório que sustenta as bases desse modo de produção e todas as suas estruturas de dominação. No âmbito da tradição marxista, encontram-se diversos subsídios que apontam para as possibilidades e limites da arte como mediação para a compreensão do real, para além de suas dimensões fetichizadas.

Nesse sentido, o presente artigo pretende problematizar as possibilidades e limites da arte como uma mediação na perspectiva da resistência contra a dinâmica do capital em seu atual estágio. Para isso, se divide em dois subitens: em um primeiro momento, busca-se fazer uma análise da atual conjuntura brasileira que, por meio da tríade neoliberalismo, neoconservadorismo e neofascismo, vem capturando corações e mentes para um projeto societário vinculado a barbárie do capital. Aponta-se, a necessidade de construir mediações críticas em tempos que a fetichização se amplia, aprofundamento a sua dominação nos mais diversos espaços. No segundo item, busca-se analisar as possibilidades e limites da arte, buscando subsídios por meio da tradição marxista. Analisam-se os conformismos, mobilizados através da forma mercadoria da arte, que esvazia as suas potencialidades críticas; as resistências mobilizados pelos diversos movimentos que buscam, por meio das mais diversas expressões artísticas, dar visibilidade para as mais variadas formas de dominação que catalisadas pela sociedade capitalista. Por fim, apresentam-se algumas considerações e os referenciais teóricos que nortearam a construção do presente texto.

2 Políticas Neoliberais e Neoconservadoras: Brasil enquanto Cenário da Barbárie

O avanço da desigualdade social e suas inúmeras consequências para a classe trabalhadora mostram-se cada vez mais visíveis, especialmente em países de desenvolvimento capitalista tardio e dependente, onde tais consequências se agudizam

e escancaram o complexo contraditório do desenvolvimento das forças produtivas. O Brasil se consagra por se constituir um dos países mais desiguais do mundo, sendo que essa concentração de renda vem sendo agravada nos últimos anos, fruto da ampliação das medidas neoliberais no contexto brasileiro. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o índice de Gini² vem subindo ininterruptamente nos últimos quatro anos, sendo que em 2019 a parcela dos 10% com os menores rendimentos da população detinha 0,8% da massa mensal de rendimento domiciliar per capita, enquanto os 10% com os maiores rendimentos detinham 42,9% (PNAD, 2019).

As raízes dessa desigualdade centram-se na dinâmica de acumulação do capital, possível por meio da produção de mais valia: isto é, da extração do excedente retirado por meio da força de trabalho, uma vez que o “valor” na sociedade capitalista só é possível de ser produzido pela venda e exploração da força de trabalho. Tais relações estabelecidas em uma sociedade burguesa não são, puramente, relações econômicas, mas, acima de tudo, são relações sociais que se estabelecem em um cenário contraditório e complexo, em meio a uma cadeia de exploração. Sendo assim, o capital só existe na medida em que se subordina a força de trabalho: mesmo se expressando por meio de coisas como o dinheiro e as mercadorias, constitui-se sempre como uma relação social (NETTO; BRAZ, 2009). A exploração da força de trabalho encontra seu ápice em tempos de capitalismo financeirizado, em um cenário de crise que se expande e intensifica, trazendo sérios impactos para todos os sujeitos que só possuem sua força de trabalho para sobreviver.

A crise estrutural do capital é formada por consequências nunca antes vistas na história da humanidade, embora não sendo nova, tal crise possui como características o seu *carácter universal*, não resumido em um ramo de produção; o seu *escopo global*, em *contínua permanência*, não sendo apenas uma crise cíclica, com desdobramentos graduais (MÉZAROS, 2011). Os efeitos da crise estrutural do capital, para a classe trabalhadora, se mostram notáveis de inúmeras formas: pelo desemprego estrutural, precarização laboral, ampliação da pobreza extrema, retirada de direitos sociais,

² O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo, que aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos (IPEA, 2004).

ampliação da face penal da política estatal, dentre outras expressões. Tais efeitos nefastos para a classe trabalhadora são ainda mais agravados no início da segunda metade do século XX, com os rebatimentos políticos, sociais e econômicos da pandemia de CONVID-19. São as populações mais empobrecidas que são as mais impactadas pela pandemia, seja pelo precário acesso a saúde ou pelo agravamento da precariedade laboral e do desemprego, provocada pela dinâmica do descarte de força de trabalho vivo diante dos impactos econômicos em um contexto de crise e pandemia.

No caos Brasileiro, esse contexto é agravado por um processo histórico calcado na manutenção dos interesses das classes dominantes, consolidado a partir de um capitalismo dependente ao grande capital internacional e formado com base no racismo estrutural que alimenta a dinâmica das relações sociais no Brasil. Esse cenário é intensificado pelo aprofundamento de políticas neoliberais, que avançam a passos largos com o projeto econômico neocolonial, com o objetivo de internacionalizar o sistema financeiro brasileiro, destruir os bancos públicos e dolarizar o Brasil, amarrando-o, ainda mais à dominação estadunidense (MARTINS, 2020). As políticas neoliberais, enquanto elementos presentes desde a década de 1990 e aprofundada nos últimos anos com os governos Temer e Bolsonaro, são acompanhadas pelo avanço neoconservador que visam legitimar formas violentas de ação estatal.

Na mesma medida que os efeitos deletérios do capital são escancarados por meios das inúmeras contradições, desse modo de produção, esses efeitos são, contraditoriamente, ocultos pelos processos de fetichização gerados a serviço dos interesses das classes dominantes, sendo que o ocultamento do real é um recurso ideológico acionado para obscurecer uma intensa crise estrutural do capital, especialmente na periferia do capitalismo. Evidenciam-se dois elementos, com características diferentes, mas associados entre si, que são recursos ideológicos fundamentais para obscurecimento do real: a racionalidade neoliberal e o neoconservadorismo.

A racionalidade neoliberal forja uma individualidade que incorpora as aptidões demandadas pela lógica empresarial, absorvendo os ideários de competitividade e meritocracia, de modo que os indivíduos se autorresponsabilizem pelos sucessos e fracassos vivenciados (DARDOT; LAVAL, 2016). A racionalidade neoliberal altera a forma pela qual nos relacionamos e nos compreendemos como sujeitos, se

constituindo como um modo de ver e atuar no mundo. O neoconservadorismo surge como um movimento funcional ao projeto neoliberal por justificar os efeitos perversos das políticas econômicas neoliberais, através de uma retórica excludente e práticas autoritárias de controle a população indesejada (CASARA, 2018).

Nesse sentido, o neoconservadorismo age como um recurso ideológico que esfumaça as raízes das relações sociais de produção, geradoras das múltiplas expressões da questão social, criando figuras imaginárias que são responsáveis por crises e violências. O pensamento neoconservador se diferencia do conservadorismo clássico, uma vez que sua crítica não se constitui em uma defesa de determinados valores que se contrapõem as concepções trazidas por meio de revoluções liberais que consolidaram a sociabilidade capitalista; mas se constitui em uma crítica a qualquer tipo de questionamento aos valores capitalistas e ao livre mercado, incluindo uma crítica ferrenha ao *Welfare State* (ALMEIDA, 2018) ou qualquer tipo de intervenção estatal na perspectiva de políticas sociais, estando afinada com os ideais neoliberais. O que se deseja conservar são as estruturas para que o capitalismo possa se reproduzir, para isso lançam mão de um arsenal ideológico que se forma por meio da repressão dos trabalhadores, criminalização dos movimentos sociais, da pobreza e da militarização da vida cotidiana, constituindo-se como formas de repressão implicam violência contra o outro, e todas são mediadas moralmente, em diferentes graus, na perspectiva da negação do outro (BARROCO, 2011).

A eleição de Jair Bolsonaro representa a expressão máxima de captura de massas para um projeto neoliberal e neoconservador, que apresentam traços nítidos neofascistas, evidentes nas manifestações do atual presente em diversos pronunciamentos, bem como nas expressões de seus apoiadores. A tríade neoliberalismo, neoconservadorismo e neofascismo se constitui em uma articulação de três concepções distintas que são articuladas entre si para a defesa dos interesses do grande capital internacional, ampliando a subordinação do Brasil a dinâmica imperialista americana e aprofundando as expressões da questão social para a classe trabalhadora. Conforme Löwy (2020):

O neofascismo não é a repetição do fascismo dos anos 1930: é um fenômeno novo, com características do século XXI. Por exemplo, não toma a forma de uma ditadura policial, respeita algumas formas democráticas: eleições, pluralismo partidário, liberdade de imprensa, existência de um Parlamento, etc. [...] Enquanto que o fascismo clássico propugnava a intervenção massiva do Estado na economia, o neofascismo de Bolsonaro é totalmente identificado com o neoliberalismo, e tem por objetivo impor uma política

socioeconômica favorável à oligarquia, sem nenhuma das pretensões “sociais” do fascismo. (LÖWY, 2020, p. 01).

Na mesma medida que tais concepções ideológicas ganham força no cenário nacional, a classe trabalhadora vivencia o agravamento das condições de vida, ampliando a precariedade existencial, uma vez que a sociedade capitalista “[...] ao alterar a dinâmica da troca metabólica entre o espaço-tempo de vida e espaço-tempo de trabalho, em virtude da ‘desmedida’ da jornada de trabalho, corrói o espaço-tempo de formação de sujeitos humano-genéricos” (ALVES, 2012, p. 87). Em uma quadra histórica marcada pela erosão do tempo na formação humana, em um contexto que os processos educacionais acabam cada vez mais mercadorizados e precarizados, afinados com a racionalidade neoliberal, onde as tecnologias de informação ampliam diversas formas de difusão de notícias falsas, chamadas de *Fake News*; amplia-se o necessário desafio de construir processos de reflexão crítica, que possam ir além da aparência dos fenômenos. Em tempos de agravamento da precarização da vida, devido ao agravamento da crise estrutural do capital, desocultar as raízes das desigualdades sociais, possibilitando o engajamento de classe trabalhadora, com um projeto societário vinculado a perspectiva da emancipação humana, mostra-se um grande desafio, mas fundamental no tempo presente.

Nesse contexto, a tradição marxista se mostra como fundamental para análise e para a intervenção no tempo presente, afinal, como nos lembra Marx, na clássica afirmação nas *Teses sobre Feuerbach*: “Até agora os filósofos se preocuparam em interpretar o mundo de várias formas. O que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p.535). É essa perspectiva de transformação que torna as obras de Marx e a tradição marxista tão necessária no tempo presente, e, ao mesmo tempo, tão odiada pelas perspectivas que fundamentam a tríade nefasta: neoliberalismo, neoconservadorismo e neofascismo. A atualidade da teoria marxiana e marxista vem sendo evidenciada por diversos pesquisadores, porém, ao mesmo tempo destaca-se a necessidade de aprofundamento dessas leituras, buscando evitar equívocos provenientes de leituras simplistas de tais obras.

Um dos aspectos, ainda, pouco explorado, na atualidade, nas obras de Marx e de autores da tradição marxista, diz respeito ao estudo da arte e da estética. Em diversas passagens Marx aponta para as possibilidades contidas na arte, como dimensão da vida humana capaz de produzir conhecimentos e construir possibilidades de reflexões

críticas, tão necessárias em tempos de dominação da racionalidade neoliberal em todas as dimensões da vida humana. O próximo item desse texto objetiva tratar, de forma introdutória, de algumas reflexões acerca da arte na perspectiva marxista para pensar o tempo presente.

2. Arte no contexto contemporâneo: possibilidades em cena?

Em diversas passagens Marx refere a potência da arte e da estética para a classe trabalhadora, assim como, diversos autores da tradição marxista se dedicaram a produzir conhecimento sobre a potência artísticas, dentre eles se destacam: Lukács, Gramsci, Thompson, Vázquez, Konder, dentre outros. É verdade que Marx não se ocupou de um debate específico sobre arte, porém, a análise da sua obra demonstra, em diversas passagens um grande interesse pelas questões que perpassam a arte. Marx evidenciou a relação entre arte e trabalho por meio da capacidade criadora do homem, sendo que ambos se desenvolveram simultaneamente no processo de transformação da natureza, constituindo-se como esfera essencial da vida humana (ALVES, 2019). Nesse sentido, a arte é uma das mais elevadas objetivações do ser social, na qual sua capacidade de criação é expressa, sendo um trabalho superior que manifesta as forças essenciais do ser humano, enquanto ser criador, e se materializa em um objeto concreto-sensível (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 2010).

A arte se constitui como uma forma de expressão humana, que tem a capacidade de constituir o ser humano em sua totalidade, de tal modo que o mesmo desenvolva a capacidade de, como um humano não fragmentado, se conectar com os outros homens, em busca da criação de uma consciência não alienada, isto é, formando conceitos próprios, que dizem respeito à sua realidade, assim como à sua individualidade como ser humano particular, bem como com à sua cultura, como ser social (SCHERER, 2013). O pensamento artístico que gera processos de consciência crítica é chamado por Lukács (2010) de verdadeira arte, tendo esta um papel de extrema importância no sentido de despertar o pensamento crítico, na perspectiva reveladora da essência do fenômeno. Segundo Konder (2009), a força da consciência artística reside principalmente no fato de que, superadas as limitações impostas pela consciência filosófica e política do artista, superando a alienação do ponto de vista pessoal como

cidadão, ela (a consciência artística) lhe permite, através de uma inventiva liberada pela honestidade artística, enxergar e captar na sua íntima significação humana dos fenômenos, cuja essência não lhe é acessível por via da observação científica ou da dedução. Neste sentido, a arte pode se constituir em um elemento que possibilita esse movimento reflexivo, na busca pela compreensão da realidade para além das aparências fenomênicas.

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, [...], ela apreende aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno se manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses movimentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que nos leva a superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútua, consistindo momentos de um processo que se reproduz sem interrupção (LUKÁCS, 2010, p. 26).

Pensar a vida em seus movimentos mais dinâmicos, e através de pensamentos, sentimentos e emoções, refletir como vem se tecendo a teia de relações sociais, em suas mais diversas contradições, a fim de realizar movimentos que possam compreender o real, eis o papel da arte. Nesse viés, Konder (2009) afirma que a arte aparece como uma atividade, ao mesmo tempo autorreveladora e autoplasmadora do sujeito, isso porque ela pode revelar a realidade na qual os indivíduos estão inseridos e lhes dá possibilidade de incidir nesta realidade, de modo crítico e consciente, deixando a sua marca na natureza e possibilitando que a realidade seja transformada. A função essencial da arte em uma sociedade de classes, segundo Fischer (1971), é de esclarecer e incitar a ação, pois a arte é necessária para que o ser humano se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. A verdadeira arte fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento (LUCKÁS, 2010).

Seja pela música, pela poesia, pelo teatro, pela dança, pelas artes plásticas, ou em qualquer outra manifestação, a arte tem a possibilidade de levar à reflexão crítica na busca pela compreensão do movimento do real, despertando, por meio dos sentidos, o pensar humano, por meio de sua própria transformação. A arte, em suas diferentes facetas, é uma das formas de produção cultural em relação com a natureza, que expressa movimentos históricos, sociais e culturais de grande importância para a

formação de todos os sujeitos (LEITE, 2008). A arte se constitui como uma expressão cultural e, ao mesmo tempo, se constitui como um elemento que tem a possibilidade de transformar, dar uma nova roupagem à cultura, uma vez que a arte tem um poder questionador, capaz de influenciar os padrões culturais (SCHERER, 2013). Fischer (2008) cita que a arte é o meio indispensável para a união do indivíduo com o todo; refletindo a infinita capacidade humana para associação, para a circulação de experiência e ideias, sendo assim, a arte capacita o sujeito para compreender a realidade, o ajuda, não só a suportá-la como também a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana, mais hospitaleira para a humanidade.

A resistência ao contexto de dominação capitalista, grande parte das vezes, se calca em perspectivas estéticas, como por exemplo: nas canções entoadas nas manifestações de rua, que denunciam a violência contra a mulher; nas peças de teatro, organizadas por muitos movimentos sociais, para explicitar as desigualdades sociais; no cinema independente que realiza produções que dão visibilidade a precarização do trabalho; dentre outras. São inúmeras as expressões artísticas que denunciam, por meio do som, imagens, gestos e formas que tocam os sentidos, com um direcionamento crítico.

Evidentemente, em uma sociedade capitalista, a arte é mercadorizada e suas potencialidades críticas esvaziadas a favor de um projeto societário calcado na dominação. Na racionalidade burguesa as potencialidades da arte são reduzidas a entretenimento, esvaziando a potência da arte, como uma mercadoria vendida por meio da indústria cultural. O termo “indústria cultural” se refere a uma expressão utilizada por Adorno e Horkheimer (1969) para designar a forma pela qual a produção artística e cultural é organizada no contexto das relações de produção, lançada no mercado e consumida; desta forma, ela ocupa um lugar de lazer na vida do trabalhador, sem que para isso ele necessite pensar. Assim, o que é produzido pela Indústria Cultural, não tem como finalidade a reflexão crítica, mas sim, uma manipulação ideológica, com vista a potencializar processos de alienação.

Notícias prontas, concepções acabadas, falta de espaço para debates e questionamentos: são essas algumas características da produção cultural de massa, reduzindo essa dimensão da vida humana em mero entretenimento. Luckás (2010) expõe que a hostilidade à arte, própria do sistema capitalista, comporta o fracionamento da totalidade concreta do sujeito em especializações abstratas. Este movimento de

fragmentação se dá na lógica capitalista, especialmente, pela negação da arte como uma dimensão da vida humana, presente naturalmente em todo o ser humano, uma vez que nessa sociabilidade, que busca transformar todos os elementos em mercadoria, metamorfoseia essa dimensão da vida humana em algo separado do ser humano. Por esse processo, a arte adquire valor de troca, transformando-se em uma mercadoria consumível, de difícil acesso para determinados indivíduos pertencentes a estratos sociais com menos poder de compra. A arte, essa dimensão da vida humana, fica disponível a somente alguns eleitos, que têm capital para comprar a “mercadoria arte”, que passa a ser vista pela sociedade como expressão das elites feitas para as elites (SCHERER, 2013).

Na sociedade do capital o potencial crítico contido na arte é esvaziado, sendo que a sua capacidade, por meio das mais diversas manifestações, de ir além dos fetiches, percebendo as relações entre essência e fenômeno, e assim catalisando ações em direção a perspectivas emancipatórias, dá lugar a concepção de arte como mero entretenimento com valor de troca nas relações de produção da indústria cultural. Apesar da potência artística, analisada por expoentes da tradição marxista, percebe-se que, muitas vezes, o próprio conhecimento científico é capturado pela lógica burguesa de secundarização da arte, sendo ainda escassas produções teóricas que se dedicam à análise da arte como forma de resistência a racionalidade burguesa no âmbito das relações de classes sociais.

Apesar disso, a verdadeira arte, nos termos de Luckás, pulsa em diversos espaços. O movimento hip-hop há anos vem denunciando por meio de rimas, cores e gestos, diversas expressões da questão social como a violência policial nas periferias, o racismo estrutural, as relações de exploração no mundo do trabalho dentre outros. O slam surge com potência em grande parte das periferias do Brasil, se constituindo como uma forma de arte popular que busca questionar a estrutura patriarcal, racista e homofóbica que sustenta o capitalismo. O Slam são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos, se popularizando no Brasil a partir de 2008, se constituindo um contraponto a perspectiva da poesia como algo elitizado, limitado aos círculos acadêmicos, adquirindo potência como literatura produzida nas favelas e periferias das cidades brasileiras (XAVIER, 2019). O livro “Vozes da Revolução”, do grupo “Poetas Vivos” de Porto Alegre, de autoria de Agnes Mariá,

Pretana DaNova, Felipe Deds e Natália Pagot, sistematiza alguns slans e demonstra a potência crítica dessa forma de vocalização. Os poetas da periferia, que lutam para estarem vivos, gritam versos assim:

Eu sou a voz da revolução.
Mas as vezes sinto que a minha voz não vale nada.
Liberdade para a nossa gente também é prisão.
Viver sem lutar?
Para povo preto nunca foi questão de opção (DANOVA, 2019, p. 14).

A partir de batalhas de rimas, em diversos espaços públicos das periferias brasileiras, esses versos denunciam a forma perversa que a sociedade, regida pela dinâmica do capital, vem processando diversas violações de direitos. Nessa perspectiva torna-se importante questionar de que forma os profissionais, que atuam nesses territórios, com essas populações, ouvem tais gritos feitos por essas manifestações artísticas. Muitas vezes, as potências artísticas que pulsam, nos diversos espaços, também são secundarizados pelos diversos profissionais que atuam nas políticas públicas para a garantia de direitos, sem perceber que o direito à cultura se constitui enquanto um direito humano. Ao mesmo tempo, a arte é, também, articulada em muitos espaços na atuação de diversos profissionais que usam mediações artísticas nos processos de trabalho que se inserem, para construir processos reflexivos com perspectivas emancipatórias.

Essa potencialidade crítica de despertar a consciência da classe trabalhadora é, grande parte das vezes, temida por parte das classes dominantes, uma vez que em regimes autoritários a arte em uma perspectiva crítica é fortemente atacada como pode ser visto em experiências históricas como na Alemanha nazista, nas ditaduras militares da América Latina, bem como, no contexto contemporâneo brasileiro. O neoconservadorismo e neofascismo atuam de forma intensa na perspectiva de censura, em muitas formas de arte que possam construir mediações críticas ou denunciar o patriarcado, racismo e a homofobia. Soma-se a isso a falta de recursos nos âmbitos dos programas governamentais no que se refere ao incentivo à cultura popular nos diversos territórios urbanos.

Em tempo de avanço da racionalidade neoliberal e neoconservadora, a arte se constitui em uma importante mediação nas lutas contra-hegemônicas. Se o Brasil vem se constituindo enquanto um cenário de barbárie, a arte, apesar de diversas limitações,

pode se constituir uma potencialidade e precisa ser compreendida com profundidade por todas que lutam por uma sociedade mais justa e humanitária. Educar os sentidos, para ver além das aparências, também, é um ato revolucionário.

3 Considerações Finais

A segunda metade do século XX já inicia impondo diversos desafios para todos que lutam por uma sociedade mais justa e humanitária em todo o mundo. No caso de países de desenvolvimento capitalista dependente e subordinado aos interesses do grande capital, esses desafios são mais árduos devido a intensificação das expressões da questão social vivenciado pela classe trabalhadora nesses países. A tríade perversa neoliberalismo, neoconservadorismo e neofascismo ganham força e capturam uma grande massa de pessoas, embaladas por meio de discursos de ódio, propagado em redes sociais, se valendo, em grande parte das vezes, por notícias falsas para fortalecer um projeto socioetário que se vincula a barbárie do grande capital. Evidentemente, esse processo é acompanhado de muita resistência, presente em diversos aspectos e organizados de múltiplas formas, contrapondo um cenário de barbárie.

Nesse contexto, de ampliação de processos de fetichização da realidade, a arte se constitui como uma dimensão da vida humana com possibilidade de construir mediações críticas diante de um contexto onde ampliam-se perspectivas alienantes no real. A tradição marxista, especialmente por meio de diversos expoentes, vem demonstrando como as potências dessa forma especial de trabalho, na perspectiva de incidir, por meios dos sentidos, e possibilitar processos reflexivos críticos e radicais, com uma perspectiva emancipatória. Apesar desse aspecto, na contemporaneidade, são poucas as produções científicas que se dedicam a análise das possibilidades da arte como forma de resistência ao contexto contemporâneo.

Na sociedade do capital tais potencialidades são esvaziadas pela lógica da mercadorização, tornando a arte como um produto consumível para o entretenimento por meio da indústria cultural. Da mesma forma, o pensamento neoconservador e neofacista age, na perspectiva da censura e da criminalização de qualquer perspectiva artística que possa ter traços que questionem a dinâmica do capitalismo e suas estruturas racistas, patriarcais e heteronormativas. Apesar disso, a resistência no Brasil também tem som, cor, gestos e movimentos, sendo necessário perceber e potencializar

esses espaços, ampliando esses núcleos de resistência a fim de desocultar os fetiches produzidos pela racionalidade burguesa. Em um cenário de barbárie, a resistência sempre entrará em cena!

Referências

ADORNO Theodoro. HORKHEIMER, Max **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Ed Jorge Zahar, 1969.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. Neoconservadorismo e Neoliberalismo. *In*: SOLANO, Esther (org). **O Ódio como Política: A Reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ALVES, Giovanni. **O enigma do precariado e a nova temporalidade histórica do capital**. São Paulo, 13 jul. 2012. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2012/06/11/o-enigma-do-precariado-e-a-nova-temporalidade-historica-do-capital-parte-2/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

ALVES, Vanessa Castro. **Dimensões emancipatórias da práxis cinematográfica contra-hegemônica**. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Humanidades, PUCRS. Porto Alegre, 2019.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. Barbárie e neoconservadorismo: os desafios do projeto ético-político. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 106, p. 205- 218, abr./jun. 2011.

CASARA, Rubens. Precisamos falar sobre a “direita jurídica”. *In*: SOLANO, Esther (org). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DANOVA, Pretana. Voz da Revolução. *In*: MARIÁ, Agnes; DANOVA, Pretana; DEDS Felipe; PAGOT, Natália (org). **Vozes da Revolução**. Porto Alegre: Class, 2019.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FISCHER, Ernst. Arte e Sociedad. *In*: BARROCO, Maria Lúcia. **Ética: Fundamentos Sócio-Históricos**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. A Função da Arte. *In*: VELHO, Gilberto(org). **Sociologia da Arte**. Vol. I, 2. ed, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1971.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD Contínua 2019**.

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 11 jun. 2020.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA. Índice Gini. **Revista Desafios do Desenvolvimento**, Brasília (DF), ano 1, edição 4, 2004.

KONDER, Leandro. **Marxismo e Alienação**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

LEITE, Maria Isabel. Experiência Estética e Formação Cultural: Rediscutindo o Papel da Cidade e seus Equipamentos Culturais. *In*: MAKOWIECKY, Sandra; RAMALHO, Sandra. **Ensaio em Torno da Arte**. 1. ed. Chapecó: Argos, 2008.

LÖVY, Michael. **O neofascista Bolsonaro diante da pandemia**. Dossiê Corona Vírus e Sociedade. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/28/michael-lowy-o-neofascista-bolsonaro-diante-da-pandemia/>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LUKÁCS, Györg. Introdução aos Escritos Estéticos de Marx e Engels. *In*: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, Arte e Literatura**: textos escolhidos. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARTINS, Carlos Eduardo. **O Brasil na geopolítica mundial da Covid-19 e do caos sistêmico**. Dossiê Corona Vírus e Sociedade. São Paulo: Boitempo, 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/04/09/o-brasil-na-geopolitica-mundial-da-covid-19-e-do-caos-sistêmico/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão. São Paulo: Boitempo, 2007.

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

NETTO, José Paulo; BRAZ Marcelo. **Economia política**: uma introdução crítica. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **As ideias estéticas de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SCHERER, Giovane. **Serviço Social e arte**: juventudes e Direitos Humanos em Cena. São Paulo: Cortez, 2013.